



## MUSICA

Inauguração <sup>11</sup>/<sub>9</sub>  
da temporada <sup>70</sup>*Folha de São Paulo*

ALBERTO RICARDI

Com uma pompa altamente burguesa e o nosso Municipal cordialmente suntuoso e simpaticamente de grande gala, foi inaugurada antecorrem a temporada lirica oficial sob os auspícios da Prefeitura e organizada pelo empresario Alfredo Gagliotti. Essa reunião de alto coturno, à qual disseram presente as elites, sem excepcionar o oficialismo, repetiu-se para ouvir "O Guarani", de Carlos Gomes, numa justa homenagem e comemoração do centenário da estréia da opera no "La Scala", de Milão, em março de 1870, com libreto de Scalvini extraído do romance de José de Alencar, acontecimento que então elevou o nome do campineiro e que o poeta Luis Guimarães Junior, amigo do autor, assim descreveu: "O publico em delirio aclamava o maestro em repetidas chamadas sob uma tempestade de aplausos como raras vezes ecoaram tão fragorosos na sala austera daquele maximo teatro."

Iniciado com o hino nacional, o espetáculo, que bem fez jus a uma maior densidade de publico, confirmou em grande parte a expectativa favoravel. Atendeu o espetáculo à direção do maestro Armando Belardi, o qual, desde a protofonia, sublinhou a obra gomesiana de maneira rica e expressiva, detalhando os seus aspectos mais interessantes. Aliás, essa protofonia foi escrita posteriormente, conservado apenas o material empregado no preludio primitivo, o "Andante cantabile", bela frase melodica que acompanha a saída do Cacique no 3.o ato: "Or bene, insano", como escreveu Itiberê da Cunha. Essa pagina que se tornou a mais celebre do campineiro é precisamente onde, mais do que em qualquer outro momento, há um arroubo empolgante, no qual o autor manifesta um vivo sentimento patriótico. Um grande espirito inovador nele se afirma. Com efeito, a combinação dos dois motivos entrelaçados no dueto "Sento una forza indomita" é um dos trechos mais lindos da pagina. Esse processo de harmonização foi mais tarde adotado por Wagner, como se verifica no "Crepusculo dos Deuses".

O tenor Sergio Albertini, encarnando Peri, demonstrou que vai paulatinamente readquirindo o vigor canoro que possuía quando iniciou sua

carreira. Entretanto, a ainda presente insuficiencia é compensada por uma mais apurada arte de canto. Assim, se no dueto "Sento una forza indomita" fosse de se desejar maior intensidade de volume vocal, o monologo "Vanto io pur" já dava a informação de uma escola em franca ascensão. Muito musical, tambem, no dueto "Perchè" di meste lacrime". Cenicamente, muito desembaraçado. Niza de Castro Tank reeditou a sua conhecida e superior atuação no papel de Ceci. Não apenas representou com propriedade a meiga personagem como exibiu com segurança a sua voz privilegiada, nos momentos culminantes, como na polaca "Gentile di cuore", nos dois duetos com Peri, e sobretudo na celebre balada "C'era una volta un principe...".

Constanzo Mascitti foi um bom Gonzales, tendo até revelado progressos de ação histrionica. Na celebre canção do aventureiro: Senza tetto, senza cuna" fez jus aos aplausos. Igualmente bem na conspiração dos aventureiros "In quest'ora suprema". Benedito Silva foi o Cacique. Depois de um inicio inseguro, com varias notas "escuras" e a voz nem sempre correndo fluentemente, resultado de evidente estado inhibitorio, melhorou bem no trecho capital da sua parte — "O Dio degli Aimoré". É um elemento de reais possibilidades, dignas de serem cultivadas. Wilson Carrara foi um Don Antonio apenas razoavel, demarcando o seu melhor momento em "Gran Dio, che tutto regoli". Benito Maresca foi um Don Alvaro convincente. Os demais, não destoaram.

A disposição do espetáculo, sobretudo a ajustada movimentação cenica deu a evidencia do superior gabarito do "regisseur" Bruno Nofri. Os coros, algo inseguros e nem sempre afinados, tanto no coro dos caçadores, como em "L'oro é un ente si giocondo". Ligeiramente melhores no 3.o ato. Os bailados foram movimentados e com boa coordenação, embora, em alguns trechos, nada tenham apresentado de coreografia indigena. A indumentaria, os adereços, mas sobretudo os cenarios, esboçados por Francisco Giaccheri e confeccionados pela Cenografia Paravicini, de Roma, constituiram um magnifico espetáculo à parte. Alguns daqueles cenarios seriam dignos da perpetuação fotografica, como a gruta selvagem, a taberna dos aventureiros, o quarto de Ceci, e principalmente a taba dos Aimorés, com a belíssima cascata cinematografica. O desabamento do castelo representou um epilogo magnifico que honra o cenarista. No total, um espetáculo equilibrado, muito bem preparado e concebido e que confere meritos inegáveis ao seu promotor — Alfredo Gagliotti.